

O SENTIDO DO FUTSAL PARA A CRIANÇA PEQUENA: RELATO SOBRE A RODA DE CONVERSA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA COM CRIANÇAS¹

GUILHERME TAMASHIRO

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná – UFPR
Professor de Futsal e Iniciação esportiva

DRA. MARYNELMA CAMARGO GARANHANI

Doutora em Educação pela Pontifícia universidade
Católica de São Paulo – PUC/SP
Professora do Departamento de Educação Física da
Universidade Federal do Paraná – UFPR
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Resumo | Este estudo relata a roda de conversa como instrumento de pesquisa que contribuiu para identificar os sentidos das crianças sobre o futsal, ao vivenciarem uma proposta de BabyFoot. A pesquisa foi realizada de junho a agosto de 2019 pelo professor de uma turma de crianças de 3 a 5 anos, em uma escola de futebol, localizada em Curitiba – PR. Consideramos que: a utilização da roda de conversa, como um instrumento metodológico de pesquisa com crianças, possibilitou responder quais são os sentidos e as compreensões das crianças sobre uma proposta de futsal, exclusiva para elas. E que o BabyFoot é uma prática adequada a infância, no qual as crianças compreendem o futsal como brincar ou jogar bola, podendo ser este um dado que pode auxiliar na organização pedagógica da referida prática.

Palavras-chave | Roda de conversa; Pesquisa com crianças; Futsal.

-
1. Este estudo está integrado no Projeto de Pesquisa Corpo, gestos e movimentos da criança nas propostas inovadoras de Educação Infantil sob coordenação da Prof^ª Dr^ª Marynelma Camargo Garanhani, aprovada pelo Comitê Setorial de Pesquisa do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

THE MEANING OF FUTSAL FOR THE CHILD: REPORT ON THE CONVERSATION CIRCLE AS A RESEARCH INSTRUMENT WITH CHILDREN

Abstract | This study reports the conversation circle as a research tool that contributed to identify the children's senses about futsal, when experiencing a BabyFoot proposal. The research was carried out from June to August 2019 by the teacher of a class of children aged 3 to 5 years old, at a football school, located in Curitiba - PR. It was considered that: the use of the conversation circle, as a methodological instrument of research with children, made it possible to answer what are the children's senses and understandings about a futsal proposal, exclusively for them. And that BabyFoot is a practice suitable for childhood, in which children understand futsal as having fun or playing ball, which can be a piece of information that can assist in the pedagogical organization of that practice.

Keywords | Conversation circle; Research with children; Futsal.

EL SIGNIFICADO DEL FUTSAL PARA EL NIÑO PEQUEÑO: UN INFORME SOBRE LA CHARLA EN RUEDA COMO HERRAMIENTA DE INVESTIGACIÓN PARA NIÑOS

Resumen | Este estudio se trata de que la charla en rueda es una herramienta de investigación que contribuyó a identificar los sentidos de los niños sobre el futsal, al haber vivido la propuesta de BabyFoot. Este estudio fue realizado de junio a agosto de 2019, por el maestro de un grupo de niños de 3 a 5 años, en una escuela de fútbol ubicada en Curitiba- PR. Consideramos que el uso de la charla en rueda, como una herramienta de investigación metodológica con los niños, permitió responder cuáles son los sentidos y las comprensiones de los niños sobre una propuesta de fútbol de salón, exclusiva a ellos. Además BabyFoot se presenta como una práctica adecuada para la infancia, en la cual los niños la entienden como un juego, o jugar a la pelota. Pudiendo, tal dato, ser útil en la organización pedagógica de tal práctica.

Palabras clave | Charla en rueda; Investigación con niños; Futsal

INTRODUÇÃO

O esporte não se remete somente à sua prática formal, institucionalizada, regulamentadas pelas federações e realizada por atletas do alto rendimento. As facetas do esporte se dão, também, na possibilidade de

utilizá-lo como comunicação, lazer e cultura (SILVA E ZAMBONI, 2010). E se faz presente na vida das crianças nos espaços de formação ou no contexto que estão inseridas. Para Richter, Gonçalves e Vaz (2011), os ambientes educacionais não se encontram alheios ao esporte, visto a sua imensa abrangência enquanto fenômeno cultural e elemento substancial na vida das crianças.

Segundo Freire (2003), as escolinhas de futebol eclodiram nas últimas décadas devido à escassez de espaço para jogar. O cenário de expansão das escolas esportivas ocorreu paralelamente ao crescimento dos estudos com a criança, pois Rodrigues, Borges e Silva (2014), nos informam em seu estudo que: no final do século XX, aumenta a participação da criança nas pesquisas como colaboradoras efetivas e participativas. Por consequência, poderíamos desejar, neste cenário, um aumento de pesquisas sobre o esporte na educação da criança pequena². Mas, não realizamos uma pesquisa sobre a produção do conhecimento deste tema para afirmar este desejo.

Garanhani *et. al* (2015) apontam que, um dos instrumentos metodológicos de pesquisa, é a roda de conversa, a qual permite a partilha e reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos envolvidos (MOURA E LIMA, 2014). Com base nestas considerações, apresentamos este estudo que relata como a roda de conversa contribuiu para identificar os sentidos e as compreensões que as crianças dão ao futsal, nas vivências do BabyFoot³.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de futebol com uma turma de crianças de 3 a 5 anos de idade. A fonte de investigação foram as próprias crianças e, a partir de suas falas, constatamos que a roda de conversa pode contribuir para identificar e conhecer saberes da criança pequena sobre o esporte.

2. Compreende-se a criança pequena um segmento etário de 0 a 5 anos de idade.

3. O BabyFoot é uma proposta de intervenção pedagógica da Escola de Futebol com aulas de futsal. O objetivo é respeitar o desenvolvimento das crianças. A proposta baseia-se em vivências lúdicas, por meio de jogos e brincadeiras com bola, sendo estratégias para a aprendizagem.

A RODA DE CONVERSA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA COM CRIANÇAS

Em meados da década 80, surgem estudos voltados para a Sociologia da Infância⁴, os quais tratam as crianças como atores sociais e construtoras da sua própria cultura. Compreende-se a Cultura Infantil a partir dos estudos de Sarmento (2004) e especificamente nas palavras de Delgado (2018), a qual estabelece que estes são modos intencionais das crianças significarem suas ações no mundo por meios próprios e organizados. São formas especificamente infantis de representação e simbolização. Para Sarmento (2013), a infância é reconhecida como categoria social e as crianças membros da sociedade e agentes de cultura.

Nas palavras de Cruz (2009), é necessário viabilizar uma escuta sensível sobre seus desejos, temores, alegrias e decepções, uma vez que a compreensão de seus dizeres mostram-se fundamentais na constituição de uma educação pautada em propostas significativas de desenvolvimento, aprendizagem e prazer para os pequenos (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

Estas considerações devem estar presentes também nas pesquisas com as crianças, sendo que:

A investigação com crianças, para ser genuína e efetiva terá que se organizar de forma a permitir que as crianças tenham oportunidade de serem atores do processo de investigação, aspecto que está mais dependente das competências dos adultos, relativamente à organização de estratégias de investigação que permita tal, do que das competências das próprias crianças. (SOARES, 2006, p. 30)

Assim, o processo de pesquisar com crianças possibilita uma mediação pela qual os sujeitos (crianças e pesquisadores) compartilhem novos conhecimentos, pois há coisas que ambos conhecem e que ambos

4. A partir da década de 1980, a Sociologia da Infância constitui-se um novo campo de estudo, com o propósito de buscar resgatar a infância das perspectivas que a compreendem como um simples período maturacional do desenvolvimento humano que se constrói independentemente das condições históricas, culturais e sociais dos indivíduos (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

desconhecem e que precisam ser mediadas pelo processo de pesquisa (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014). Para as autoras, cabe a nós pesquisadores da infância, o desafio de ouvi-las e compreendê-las na centralidade do processo de construção de suas ideias.

Dentre os caminhos de pesquisa no contexto da infância, uma delas são as vozes das crianças, seus gestos, seus movimentos e suas opiniões. Para além de apenas compreendê-las, é necessário que as suas indagações enraízem nos diversos espaços de formação que estão inseridas, norteando práticas educativas e a construção dos espaços de aprendizagem.

Pouco se conhece sobre as culturas infantis, porque pouco se ouve e se pergunta às crianças (QUINTEIRO, 2002). Então, a roda de conversa é um instrumento que pode colaborar com diversas indagações sobre os pequenos.

Para Garanhan *et. al* (2015), é necessário que o pesquisador faça a mediação da conversa e tenha como estratégia para iniciá-la algum disparador, como por exemplo um tema para que as crianças se mobilizem e iniciem uma discussão. Ou seja, todos os sujeitos fazem parte do processo de pesquisa, incluindo o pesquisador.

Neste cenário, Rychebusch (2011) comenta:

Pensar que a “roda de conversa” está focada na perspectiva da linguagem oral pode resultar num empobrecimento de possibilidades do agir crítico e criativo das crianças. Isso também reduz as possibilidades de entender a roda como um local privilegiado do diálogo na construção compartilhada de novos significados e de constituição de alunos e professora. (RYCHEBUSCH, 2011, p. 42, grifo da autora)

Para a autora, e colaborando com isso, a roda de conversa é um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos através de diálogos internos (MOURA; LIMA, 2014).

Ainda sobre as contribuições da roda de conversa, mas como instrumento metodológico para a pesquisa, Silva *et. al* (2017) apontam:

As formações circulares permitem posturas de introspecção, ou seja, os olhares e escutas que captam sentimentos, palavras, gestos, ao serem absorvidos geram pensamentos sobre si, sobre maneiras diversas de viver e agir, promovem

autoconhecimento e conhecimento do outro, de subjetividades, de modos de interpretar e de agir no mundo (SILVA; LIMA; FERNANDES, 2017, p. 3)

Para as autoras, a forma com que a roda está disposta, permite uma conversa horizontal e que todos os sujeitos, incluindo o pesquisador, tem direito de expressão, autonomia e liberdade. Ou seja, o formato da roda de conversa, com todos se olhando, permite para além da disposição favorável para um diálogo, que as falas, gestos, movimentos e até os silêncios sejam produzidos como dados de pesquisa.

A ANÁLISE DA FALA DAS CRIANÇAS SOBRE A PRÁTICA DO FUTSAL

Com o objetivo geral de compreender como a criança pequena se apropria dos saberes do futsal e, a partir disso, como objetivo específico, melhorar a intervenção pedagógica com as crianças nas aulas, fazendo com que as práticas fossem ricas de possibilidades e de respeito à infância, é o cenário que nasce o presente estudo. Tendo a possibilidade de ouvi-las, a roda de conversa e as vozes das crianças responderam a seguinte questão de pesquisa: o que as crianças pequenas falam sobre o futsal ao vivenciarem uma proposta de BabyFoot?

Assim, o contexto para a pesquisa foi uma escola de futebol localizada em Curitiba – PR que se organiza em turmas divididas por idades próximas. E a turma que contribuiu para a pesquisa era da categoria sub-5⁵, com a proposta de BabyFoot. As aulas ocorriam aos sábados com duas turmas da mesma categoria. Portanto, a primeira etapa do processo foi escolher os sujeitos colaboradores para a pesquisa.

A opção pela segunda turma se deu por dois motivos: a primeira turma havia começado a prática do futsal alguns meses antes e, por isso, tinha mais tempo de vivência, dominavam alguns conceitos e fundamentos. Já a segunda turma havia iniciado a prática há pouco tempo e puderam responder com mais riqueza a questão da pesquisa, no que concerne às suas primeiras percepções e compreensões que dão ao primeiro contado

5. Categoria com crianças de 3 até no máximo 5 anos de idade.

com o futsal, numa escola de formação esportiva. O segundo motivo é que, após o término da segunda aula, as crianças não precisavam deixar a quadra para outra turma, pois era a última aula do dia. Portanto, tinham mais tempo para a conversa e se mostraram mais ativas e falantes, num ambiente favorável com as quadras ao lado contribuindo com um ambiente mais silencioso.

A segunda etapa do estudo foi caracterizada pelas formalidades. Primeiramente com a liberação da direção da escola, a autorização das famílias para a gravação das crianças e, por fim, com o consentimento dos sujeitos para colaborarem e participarem do trabalho.

Para produção dos dados de pesquisa, foi utilizado um aparelho celular que gravou as três rodas de conversa, com um intervalo de aproximadamente um mês, entre uma roda para outra.

As crianças que foram ouvidas tinham de 3 a 5 anos de idade. Na turma só havia meninos. Na primeira roda, foram sete participantes. Na segunda seis e na terceira cinco. A idade limite para a categoria do BabyFoot é de cinco anos completos. Assim, as mesmas podem ser nascidas em três diferentes anos, sendo que este dado, em alguns momentos, mostrou-se relevante no que concerne as suas participações.-

Em síntese, a imersão no campo de estudo exige atenção na sua configuração desde as formalidades até a aplicação e a ação de pesquisa, que é o momento da produção dos dados.-

Após a finalização das rodas de conversa, a análise dos dados se organizou em três temas, provenientes do agrupamento de palavras, frases, conceitos, expressões e assuntos presentes nas falas das crianças, sendo eles: a compreensão do futsal, o gesto como suporte da fala e o sentido do futsal.

O processo de compreensão dos conceitos do futsal aparece com outras características nas falas das crianças, se diferenciando da conceitualização adulta e formalizada. Por isso, o primeiro tema de análise foi a compreensão do futsal dada pelas crianças, conforme o trecho da primeira roda de conversa a seguir:

Eu: o que a gente estava jogando agora?

Todos: futebol

Victor: futsal

Eu: e o que a gente está aprendendo no futsal?

Léo: conduzir
Eu: o que mais?
Arthur: jogar a bola pro amigo
João Pedro: tocar
Arthur: jogar a bola pro seu time
(TAMASHIRO, 2019, p. 20)

Na análise constatamos que para as crianças, futebol, futsal e jogar bola constituem a prática. Nesse sentido, o conceito da modalidade tem um sentido mais simples.

Um recorte do trecho da segunda roda de conversa, demonstra que ainda no mesmo tema de análise, a compreensão do futsal dada pelas crianças, a resposta se diferencia da conversa anterior repetir a seguinte pergunta:

Eu: o que a gente está aprendendo?
Leo: a jogar bola
Eu: o que é jogar bola?
Murilo: é driblar os amigos
João Pedro: chutar no gol
Eu: o que é chutar?
Murilo: é fazer o ponto
Arthur: é chutar pra fazer o gol, pro teu time
(TAMASHIRO, 2019, p. 20)

As respostas são diferentes pois entende-se que cada sujeito aprende e vivencia o jogo de futsal da sua forma e de acordo com as suas experiências. Portanto, as falas das crianças sobre o futsal possibilitaram entender que elas compreendem a prática como: jogar bola e pela descrição de alguns fundamentos.

Durante a pesquisa, as crianças utilizavam muitos gestos para demonstrarem o que estavam dizendo, com isto surge o segundo tema de análise dos dados e pode ser visualizado no trecho da segunda roda de conversa a seguir:

Eu: o Murilo vai explicar como é ganhar
Murilo: um time tá com a bola, aí vem o outro time pega a bola e faz o gol
João Pedro: e faz um monte de gol assim (faz o número 10 com as mãos)
Eu: como é fazer gol?
Davi: chutar bem fortão (faz o movimento do chute)
Eu: como a gente chuta bem fortão?

Murilo: ali no gol, a gente tem que mirar no gol
Davi: é assim: (faz o movimento do chute)
Eu: como é mirar?
Bernardo: (fecha um dos olhos para mirar)
(TAMASHIRO, 2019, p. 22)

O diálogo mostrou que as crianças não recorrem somente as explicações orais e, às vezes, a fala pode não ser suficiente para representar o conceito ou a forma que elas entendem.

O gesto apareceu em todas as rodas de conversa. Algumas crianças nem responderam à pergunta oralmente, mas fizeram unicamente o gesto para representar a ideia conforme ao trecho abaixo da primeira roda de conversa:

Eu: Por quê? Como é fazer pênalti?
Lucca: é só colocar na “bolinha” e fazer gol
Arthur: e mirar
Eu: a gente aprendeu a mirar nas aulas? Como a gente mira?
Bernardo: (coloca a mão no olho com um gesto de mira)
(TAMASHIRO, 2019, p. 21)

Os gestos foram potencialmente importantes para a aquisição do entendimento de como elas estão se apropriando dos saberes do futsal.

No terceiro tema de análise, foi possível observar que as crianças deram sentidos diferentes para a mesma prática que estão vivenciando. A análise dos dados da pesquisa mostrou que essa modalidade é entendida de diferentes formas, conforme nos mostra o diálogo realizado na primeira roda de conversa:

Eu: o Victor falou que a gente joga futsal, qual a diferença de jogar futsal e futebol?
Arthur: futsal é de brincar e o futebol é para jogar
João Pedro: eu gosto mais de jogar bola
(TAMASHIRO, 2019, p. 23)

No local de pesquisa, há diferentes sujeitos com idades distintas vivenciando o futsal ou o futebol. Sendo assim, o sentido de aprendizagem do esporte que as crianças vivenciam, por serem a menor categoria, é entendida pelo brincar ou pelo jogar bola.

Buscar compreender como as crianças diferenciam o futebol do futsal e, sobretudo, qual o sentido que dão para sua prática, nos permite encaminhar aulas mais enriquecedoras para a vivência das crianças no esporte. O diálogo de um trecho da segunda roda de conversa a seguir nos mostra a compreensão dos sentidos que as crianças, participantes do estudo, deram ao futsal.

Eu: a gente está jogando futebol ou futsal?

Todos: futsal

Eu: qual a diferença entre jogar futebol e jogar futsal?

Arthur: o futebol é de grande e o futebol é de criança

Eu: e o futsal?

Arthur: é de criança

Eu: vocês são o que?

Todos: criança

Eu: o Arthur falou que o futsal é de criança. O que é ser criança? O que a criança faz?

Davi: brinca, joga bola, joga videogame

Arthur: criança não é velho, criança já nasceu

(TAMASHIRO, 2019, p. 24)

Para Santana (2018), elas gostam de jogar e não tem um porquê: “é por excelência, uma ação prazerosa e despreziosa” (SANTANA, 2018, p. 37). Sendo assim, o diálogo acima reitera que o Futsal na iniciação, para as crianças desse contexto, é aprendido através de brincadeiras.-

Assim, por meio da análise das falas, produzidas pela roda de conversa, é possível considerar que: as crianças dão sentido à prática pelas dimensões do espaço e dos colegas serem menores, provenientes de comparações produzidas pelas observações de crianças mais velhas, que tem aulas de futebol ao invés de futsal. E, também, por entenderem que a prática, nos moldes do BabyFoot, tem uma abordagem pedagógica por meio de jogos e brincadeiras de bola.

PARA CONCLUIR... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este relato de pesquisa reconhece a roda de conversa como um instrumento metodológico possível dentro do campo de estudos sobre

a infância e com as crianças, tornando-as protagonistas no processo de construção dessa e de outros estudos. Além disso, responde quais são os sentidos dados ao futsal pelas crianças sujeitos desta investigação.

A escuta do adulto, principalmente no campo da pesquisa, não deve ficar apenas na recepção das vozes, sendo que a comunicação dos pequenos pode não ser somente dados de pesquisa, mas também nortear processos de construção didático-pedagógicos com eles e para eles.

Compreendemos também que a entrada no campo de estudo exige atenção por parte do pesquisador e que a realização do estudo foi facilitada por ser realizado por um professor já presente no contexto, devido a uma maior familiaridade das crianças com ele. Por isto, se sentiram à vontade para falarem. Mas quando há uma nova pessoa, desconhecida do grupo, a ambientação com o espaço e com os sujeitos é de suma importância.

O presente estudo e o instrumento metodológico escolhido demonstraram resultados significantes como a resposta, por parte de uma criança, a pergunta sobre a diferença entre jogar futsal e futebol: “*no futsal a gente brinca e no futebol a gente joga*”. A resposta para a questão foi compreendida a partir do espaço e do entendimento da criança, já que nas outras quadras as crianças mais velhas também estão treinando futebol na modalidade de campo. Essas crianças são maiores e estão jogando. Já os pequenos estão brincando e esta é a conclusão: a aprendizagem se faz no brincar.

Em síntese, a roda de conversa, é um instrumento que dá a criança a oportunidade de ouvir e ser ouvida, pois todas estão se olhando e com direito de se expressar. E, para esta pesquisa, sua escolha foi uma ação acertada, pois todos os sujeitos foram ativos, autônomos e, sobretudo, houve o direito de fala da criança. Portanto, pesquisar as crianças é pesquisar com elas, com suas vozes e as mesmas se fazendo presente na construção de saberes, mediados pelo adulto, que deverá contribuir para que a infância seja uma fase de múltiplas experiências.

REFERÊNCIAS

CRUZ, R. C. A. **A pré-escola vista pelas crianças**. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais. Caxambu: Anped, 2009.

DELGADO, A. C. C. **Manuel Jacinto Sarmento: a emergência da sociologia da infância em Portugal.** In: Cultura e sociologia da infância: estudos contemporâneos. Org. Teresa Cristina Rego. 1ª ed. Curitiba. 2018.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol.** 2º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GARANHANI, M. C.; MARTINS, R. C.; ALESSI, V. **Instrumentos e procedimentos metodológicos para pesquisas com crianças: desafios e proposições.** In: Romilda Teodora Ens; Marynelma Camargo Garanhani. (Org.). Pesquisa com crianças e a formação de professores. 1ed. Curitiba: PUCPress, v. 1, p. 311-336, 2015

MOURA, A. F.; LIMA M. G. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98106, jan-jun. 2014.

QUINTEIRO, J. **Infância e Educação no Brasil: Um campo de estudos em construção.** In: FARIA, Ana Lúcia de; DEMARTINI, Zeila de Brito; PRADO, Patrícia Dias. Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, p. 19-47, 2002.

RICHTER, A. C.; GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. **Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 181-195, jul./set. 2011.

RODRIGUES, S. A; BORGES, T. F. P; SILVA, A. S. **“Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro.** Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2, p. 270-290, maio/ago. 2014.

RYCHEBUSCH, C. G. **A roda de conversa na Educação Infantil: uma abordagem crítico colaborativa na produção de conhecimento.** 2011. 226f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011.

SANTANA, W. C. **Futsal: Metodologia da Participação.** 3ª edição. Companhia Sportiva. Londrina. 2018.

SARMENTO, M. J. **A Sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos,** in R. Teodora & M. Garanhani, (Org),

Sociologia da Infância e a Formação de Professores, Curitiba. Champagnat Editora, 2013.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SILVA, A. C.; ZAMBONI, M. J. **Educação Física, Esporte e Cultura no Ensino Superior: íntimas relações com o Brasil e a atualidade**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.4, p.1045-1051, out./dez. 2010.

SILVA, R. B. L.; LIMA, N. S. T.; FERNANDES, R. S. **A roda da conversa na educação infantil: instrumento de silenciamento ou amplificação da voz da criança?** Revista Eletrônica de Educação, v.11, n.3, p.1001-1019, set./dez., 2017

SOARES, N. F. **A investigação participativa no grupo social da infância**. Currículo sem Fronteiras, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2006.

TAMASHIRO, G. **O olhar de crianças pequenas para o futebol/futsal: análise de uma proposta de BabyFoot**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. 2019

Recebido: 30 julho 2020

Aprovado: 07 outubro 2020

Endereço eletrônico:

Guilherme Tamashiro

guilherme.tamashiro@yahoo.com.br